



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
UFPR LITORAL**

**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ALTERNATIVAS PARA UMA NOVA
EDUCAÇÃO – TURMA 4**

Eduardo Moro Villas Boas

Tecendo Saberes: Vivenciando a pedagogia da teia dos povos.

**MATINHOS
2024**

Eduardo Moro Villas Boas

Tecendo Saberes: Vivenciando a pedagogia da teia dos povos.

**Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Universidade Federal do
Paraná – UFPR Litoral como requisito
parcial para a conclusão do curso de
Especialização em ALTERNATIVAS
PARA UMA NOVA EDUCACAO.**

**MATINHOS
2024**

RESUMO

Resumo: O trabalho apresenta a pedagogia da Teia dos Povos como uma perspectiva para uma educação que emane dos territórios, incorporando práticas educativas culturais e contextualmente relevantes, para além do conteúdo e formato típico da escola convencional. A Teia dos Povos surgiu na Bahia em 2012, através da primeira jornada de agroecologia da Bahia, com o intuito de fortalecimento dos territórios. Articulam-se diversos territórios (assentamentos, ocupações, reservas indígenas, quilombos e outras). Baseada na educação do arco e flecha, do terreiro e do tambor, da Floresta do cacau e do chocolate e das Águas a pedagogia da Teia dos Povos é enraizada na luta de cada território. A metodologia deste relato foi a revisão bibliográfica, vivências através do cotidiano vivido no Assentamento Terra Vista e nas pré-jornadas da Teia dos Povos. Concluímos que a pedagogia da Teia é uma possibilidade de viés contra hegemônico, embora ainda haja muitos desafios.

Palavras-chave: Teia dos Povos; Pedagogia; Agroecologia; Educação do campo; Territórios tradicionais.

Devaneios a sombra do chapéu de palha de um velho vaqueiro.

A beleza e as belezas da educação e do se tornar educador.

Me chamo Eduardo, nunca pensei que estaria começando um trabalho de pós graduação falando de mim, de onde vim, onde estou, o que me traz, o que me motiva, o que me fez ser educador. Poder começar contando de mim, sem citações, sem respaldos, somente eu.

Pensar na vida é uma tarefa árdua, remorar os passos e todos os feitos, que me trouxeram até aqui, me fizeram acarretar em mudanças e me apaixonar pela vida e suas belezas. Como diz Pepe Mujica somos seres de afeto e acredito que o meu maior motor foi o afeto, afeto não como um amor cego, como uma fogueira em que a labareda se consome e todo o gás se vai em uma noite, mas sim, apaixonado por todas as sensações e todas as facetas da vida como uma chama acesa, que brilha conforme as situações, que se mantém, as vezes devido aos momentos difíceis ela diminui, mas não apaga, sempre permanecendo ali.

E a maior loucura de tudo é pensar em tudo isto nos devaneios atrás de vacas, bezerros, bois, no meio do sertão paulista, na cidade de Nova Granada, aos berros de meu avô, um velho vaqueiro. Pensar enquanto se trata do animal, enquanto se coloca “cilo” e ração devido à seca que faz no sertão paulista, as queimadas foram fortes, ou enquanto se tira leite, para poder levar para mamãe fazer doce de leite, manteiga ou queijo, ou mesmo enquanto tenta tratar de um bezerro nascido, aos gritos de meu avô em que não pode deixar escapar, ou que tem que aparta as vacas pro leite tira.

Nasci em uma cidade do interior de São Paulo, chamada Fernandópolis somente para agradar vovó. Um nascimento complicado, pulmões não abriam, má formação na cabeça, mas no fim deu tudo certo. Após essa fase me mudo para São José do Rio Preto, depois Mogi Mirim onde me crio, conheço as belezas da vida e as mazelas, me reconheço como gente e somente 2015 me mudo para Araraquara e então começa a saga do se entender a se tornar um educador.

Bom a saga para entrar em um curso de licenciatura tudo começa com a vontade de sair de casa e o desespero para não servir o famoso tiro de guerra, ou, serviço militar

obrigatório. Na época, perdido, jovem, infinitas possibilidades, que dificuldade e que martírio ter que escolher somente um curso, perante as infinitas belezas e as multiplicidades de saberes. Bom, optei por Ciências Sociais, graças a uma queridíssima Amiga, que fez cursinho pré vestibular comigo.

Durante quase toda a minha graduação tive uma educação formal na área da licenciatura, sem muitas expectativas. A área da licenciatura ele acaba sendo um fardo para quem faz Ciências Sociais, pois, não existe outras áreas possíveis, não é um curso em que as pessoas trabalham em outras áreas, então, ou seguem o meio acadêmico ou acabam indo para a educação, bom, isto era um medo que me assolou por um tempo, fazendo estágios obrigatórios, vendo a educação pública a situação que se encontrava, pensava, isto nunca vai ser para mim.

Porém, anos foram se passando, durante a graduação tive contato com as temáticas mais variadas, fui descobrindo, mudando interesses, vivendo o que a universidade pública poderia me proporcionar! Descobri até no meio do caminho que minha mãe foi professora um tempo. Comecei a ter entendimento de que a educação é uma ferramenta revolucionária, podendo proporcionar uma mudança real na vida das pessoas. Bom, dai fui pra sala de aula primeira vez, dando aula em cursinho popular auto gerenciado, Cursinho Livre Caburé, vida longa a ele, me proporcionou minha primeira experiência apesar de no primeiro dia de aula estourar a pandemia e a partir dai as aulas serem somente remotas.

Nunca esqueço o dia que a primeira pessoa que teve aula comigo foi aprovada em um vestibular de uma universidade pública, o tanto que chorei. Saber que em uma sala, de ensino remoto mais de quatro estudantes adentraram universidades estaduais e federais foi algo que me explodiu o coração e me mostrou cada vez mais que eu estava no caminho certo! Educação era o caminho, o meu caminho. Mal sabia aqueles estudantes que na real quem aprendia era eu, aprendia sobre a vida, o sentido da vida, os motivos, as alegrias as tristezas as mazelas mas a alegria, alegria de se construir coletivo e estar junto.

Depois disso fui cada vez mais a fundo na questão educacional, continue dando aula no cursinho e adentrei as aulas no estado, nos municípios de São Carlos e

Araraquara, um choque de realidade, todos aqueles nomes e informações sobre a desigualdade, a fome, a pobreza que lia nos livros de ciências sociais, deixava de ser meramente número e passavam a se tornar rostos, nomes, pessoas, que me conheciam e me chamavam pelo nome. Ai o buraco ficou mais embaixo.

Durante um ano, um ano inteiro, de intensas sensações dei aula na escola pública, defendia aquela instituição com unhas e dentes, defendia meus estudantes, era taxado como doido pelos outros companheiros de profissão, maioria eram velhos que já não viam sentido na educação e eu continuava, apaixonado, dando aula tanto no estado quanto no cursinho popular e cada sorriso, cada troca, cada aprovação, enchia meu coração de alegria e de esperança. Mesmo sabendo que a escola convencional está fadada ao fracasso, que não muda em nada, eu acreditava!! E estava ali, me fazia feliz, estava feliz.

Bom, em 2022, largo a educação convencional, não conseguia pensar em ficar naquela sensação ingrata por mais 35 anos, até a aposentadoria, pois sem esperança de concurso, sem esperança de se firmar em nada, decidi voltar a estudar e ir embora pro Paraná, estudar agroecologia! Aí começa outra rasaga do Eduardo, vinculado a UFPR, porém, neste período nunca abandonei a educação, no primeiro ano pude dar aula no PROEJA na associação de moradores do Villa Nova, sou eternamente grato a esta experiência, Leda e Afonso amo vocês! No meu segundo ano de faculdade lá vou eu para o cursinho popular da UFPR, outra experiência, sala cheia, juventude, alegria lá no teto! E pra variar hoje, hoje, 2024 muitos estudantes da faculdade UFPR, passaram pelo cursinho que dei aula, ver aquelas caras, aquelas figuras comendo no ru, almoçando, jantando, ocupando um espaço que é deles tem um sentimento que não cabe no peito.

Graças as vivências que o curso de agroecologia me possibilitou eu pude entrar em contato com outras formas de educação que olha... essas moram no fundo do meu coração e são as que me trazem a fazer este pré projeto, que é o contato com mestres e mestras, camponeses e camponesas, lutadores da luta pela reforma agrária, poder estar junto com essas pessoas, lutando, militando, agroflorestando, acreditando em um mundo melhor e melhor de tudo, poder olhar para trás e dizer: essas pessoas são minhas amigas.

Poder vivenciar experiências em diversos assentamentos da reforma agrária fruto de muitas lutas do MST e de outros movimentos sociais da luta por terra e território, Sepé Tiaraju – Serra Azul em São Paulo, Escola Latino Americana de Agroecologia – Lapa no Paraná, Escola de Educação Popular e Agroecologia Gabriela Monteiro em Brazlândia no distrito federal, Assentamento José Lutzenberg – Antonina paraná, Assentamento Terra Vista – Arataca na Bahia (Onde eu moro hoje!!!!) ou no sítio de meu avô que não é fruto de luta de movimentos sociais, mas é um local de muito aprendizado, minha primeira escola, entre outros que agora não me recordo me mostrou a beleza dos saberes populares do conhecimento, da importância de estar perto dessas pessoas, ouvir suas histórias, suas trajetórias, angústias, sonhos, desejos, trajetória de vida e quando perceber ser mais um junto ali, naquele coletivo em que ambas as partes são importantes, em que o aprendizado se faz conjunto o aprender. Como diz Paulo Freire o processo de comunicação não de extensão.

E este é um dos pontos que me faz escrever este trabalho, a riqueza de uma educação contra hegemônica, longe das salas de aula, sendo aprendida a sombra de um pé de cacau na mata atlântica Bahiana, ou em um pé de Baru no cerrado do distrito federal, ou de uma Juçara da lindíssima mata atlântica paranaense, ou sobre as tetas de uma vaca no sertão paulista, validar estes saberes, saberes permeados de sentido, que fazem consonância com a realidade, que traz realidade, traz pé no chão, traz sentido e traz beleza.

Com o tempo fui entrando em contato com diversas pedagogias contra hegemônicas diversas, as dos zapatistas do México, dos curdos no curdistão que são povos autônomos que possuem sua própria pedagogia como uma forma de resistência e de contra hegemonia, de resistência, mantendo a sua cultura viva, contra a vontade do estado de os aniquilar e acabar com suas singularidades, acabei entrando em contato com a militância da teia dos povos, graças ao assentamento Terra Vista e aos processos de formação, me mostrando uma pedagogia palpável e contra hegemônica que hoje me faz brilhar os olhos e a qual pretendo trazer agora.

Introdução

A Teia dos Povos teve origem como uma coalizão entre comunidades tradicionais, trabalhadores, movimentos sociais e organizações que se reuniram na I Jornada de Agroecologia da Bahia, realizada de 26 de novembro a 1º de dezembro de 2012, no Assentamento Terra Vista do MST, em Arataca (BA), na região de produção de cacau, conhecida como costa cacaueira. Com o tema "Agroecologia – Uma Proposta de Soberania do Território Baiano", a primeira Jornada de Agroecologia contou com a participação dos povos Tupinambá, Pataxó e Pataxó Hã-hã-hãe, comunidades quilombolas, de pescadores, representantes de assentamentos rurais e outras comunidades camponesas, além de movimentos e organizações urbanas. Desde a sua primeira edição teve a adesão e o interesse da comunidade universitária, que continua ativa.

A união foi estabelecida com o propósito de unir os povos e seus conhecimentos em defesa da terra e do território, seguindo os princípios da agroecologia para promover uma vida sustentável. A jornada de 2012 foi marcada pela participação da agrônoma Ana Maria Primavesi, tendo como influência as Jornadas de Agroecologia do Paraná, que já estavam em sua 18ª edição em 2019. Na sua primeira Jornada de Agroecologia a Teia dos Povos expressou seu interesse em vincular sua luta política a um novo modelo educacional.

O presente relato de experiência visa apresentar a pedagogia da Teia dos Povos como uma forma de educação contra-hegemônica, que valoriza os saberes tradicionais e ancestrais das comunidades indígenas, quilombolas e dos movimentos camponeses, respeitando suas singularidades e autonomia no processo educativo. Como outros movimentos pedagógicos críticos da escolarização convencional, a Teia dos Povos valoriza o sujeito, o processo educativo, e as singularidades pessoais e culturais, em detrimento do objetivismo e universalismo. Não dissociamos o saber da realidade concreta, nem impomos uma uniformidade; em lugar disso, acreditamos que seja através da valorização das diferenças entre as diversas comunidades e territórios que se estabelece uma união rica e generativa.

A metodologia empregada para este trabalho incluiu a revisão de literatura sobre os temas abordados e nossas vivências práticas em pré-jornadas de agroecologia promovidas por núcleos da Teia dos Povos, bem como pelo tempo de residência no território Bem Virá, localizado no assentamento Terra Vista, e uma experiência do Terreiro Lúdico na educação infantil. As pessoas que assinam esse texto vivem nesse território desde janeiro de 2024, e é desde esse lugar que escrevemos. Enquanto a experiência no Bem-Virá nos provê uma "escola da prática" de diversos saberes, as pré-

jornadas são eventos formativos fundamentais para consolidar a aliança entre territórios, através de mutirões, plantios, festividades, socializações, debates e trocas de experiências entre os participantes. O Terreiro Lúdico, por sua vez, é construído para transmitir os mesmos valores às crianças, de forma divertida e criativa.

Além de participar do Bem-Virá, dois autores do relato atualmente realizam o curso técnico em agroecologia no Centro Estadual de Educação Profissional da Floresta, do Cacau e do Chocolate Milton Santos. Através do curso, têm como objetivo pôr em prática os projetos educacionais da Universidade dos Povos, tanto no território em que estão residindo quanto na escola. O CEEP Milton Santos está localizado dentro do território do assentamento Terra Vista, uma conquista histórica dos moradores que residiam no assentamento para que seus filhos e filhas pudessem estudar, ter opções de uma educação digna e de qualidade dentro do próprio assentamento, não precisando ficar reféns das escolas do município ou das cidades vizinhas.

A beleza da pedagogia da Teia dos Povos reside em acreditar nas utopias, imaginando um mundo diferente e um futuro melhor. Trata-se de uma jornada bela e respeitosa, na qual o desafio ao capitalismo e a busca por alternativas não se limitam à simples derrubada do sistema vigente, mas sim ao avanço gradual e à consolidação de diversas perspectivas educacionais que reconheçam e legitimem os diversos saberes e singularidades de cada povo, possibilitando a construção de modelos sociais alternativos.

Sonhar com outras realidades não é apenas possível, mas necessário, como destacou Paulo Freire ao discutir a importância das utopias. Não se trata de algo inalcançável ou distante, mas sim de uma linha no horizonte a ser buscada e construída, rumo a um mundo desejável. No dizer de Joelson Ferreira, liderança de Terra Vista, trata-se de uma jornada na qual, embora seja grande a distância, podemos progredir passo a passo.

2 Desenvolvimento

2.1 Pedagogias da Teia dos Povos

A Teia dos Povos propõe um modelo educacional comunitário que abrange todas as fases da educação, desde a infância até o ensino superior, com objetivo de confluir de forma eficaz todas as etapas, níveis, modalidades e iniciativas educativas cruciais para o desenvolvimento das pessoas e para a estrutura da Teia. A proposta visa transformar radicalmente a educação através da integração dos territórios e saberes, guiando um

percurso pedagógico simultaneamente único e inclusivo, adaptado aos desejos e estilos de vida de cada povo, enriquecido pela diversidade cultural e comunitária da Teia. Seguindo os ideais educacionais de Joelson Ferreira, defendemos a inseparabilidade entre a luta pela terra e a luta pela educação.

A soberania pedagógica e cognitiva é descrita por Joelson Ferreira como uma meta fundamental na construção de comunidades autônomas. Como desafio, influências externas e da mídia influenciam os jovens a "crescer na vida", num sentido individualista que dissocia e afasta da família, do povo, do território e da riqueza que o território pode gerar. Em resposta, os objetivos da pedagogia da Teia incluem a manutenção dos jovens no território, o combate à via do consumo capitalista, uma formação política integral e associada ao trabalho, a transmissão de valores e virtudes para a transformação do mundo, e a expansão da capacidade criativa por meio de arte, cultura, esportes e natureza.

Sobretudo, é crucial construir lideranças jovens dedicadas ao coletivo, através da compreensão de que fazem parte de algo maior que si mesmas. Nas palavras de Joelson, as escolas dos povos da teia preveem "a primazia do coletivo sobre o individual. O povo, a organização, o território, a comunidade são os sujeitos da aprendizagem. E isso não significa obliterar a experiência individual, mas construí-la na experiência coletiva" (Ferreira e Felício, 2021, p. 83). A avaliação, por conseguinte, também deve ser coletiva.

“Precisamos saber se aquela geração aprendeu e foi bem sucedida em seus desafios políticos e pedagógicos. E isso se faz na ação real, na plantação, em um mutirão para pintar uma casa, na solidariedade com um enfermo, na hospitalidade ao visitante, no cumprimento das tarefas do território. Em verdade, o território em si é uma grande escola e viver e fazê-lo progredir em sua autonomia são verdadeiras provas” (Ferreira e Felício, 2021, pp. 83-84).

Além disso, o conteúdo a ser ensinado também difere da escola comum: em lugar de disciplinas abstratas, o saber é visto como uma unidade, indissociada do ser humano integral e integrado, e fundamentado na tradição de cada povo. Os saberes, técnicas, memórias e rituais são essenciais para a manutenção da vida e organicidade de um povo. Isso significa uma matriz curricular dinâmica, em que o currículo emana da experiência de vida comunitária, e complementada pelo intercâmbio de conhecimentos entre os povos.

Observando as demandas objetivas do território, a escola precisa buscar saberes que produzam maior autonomia frente ao capital, em áreas tão diversas como sistemas de plantio, autodefesa, consciência de classe, raça e gênero, segurança da informação etc., e deve formar grupos dedicados às atividades produtivas. A educação para a soberania

deve, também, proporcionar acesso ao conhecimento acadêmico, não excluindo ou segregando modos de saber, mas buscando integrá-los e permitir sua circulação. Há, inclusive, muitos membros da academia atuando como elos da Teia (ex., Pimentel, 2021; 2023; Pimentel e Menezes, 2022).

A educação proposta está profundamente ligada à produção de vida, conhecimento e cultura no campo, facilitando a interação dinâmica entre escola e comunidade. A autonomia dos sujeitos, dos currículos e dos calendários é essencial para nossa estrutura pedagógica, com a participação contínua da comunidade no processo de avaliação e formação dos estudantes e professores. A escola dos povos deve encantar as crianças e os jovens em relação a seu território e seu povo, apresentando um saber crítico sobre as mazelas do mundo e a compreensão do território como o espaço de sua proteção. Por meio da experiência partilhada de acolhimento, alegria e exemplo é possível construir valores e princípios, tais como a unidade da natureza, do povo, do território e da luta (Ferreira e Felício, 2013).

Os programas educacionais da Teia dos Povos incluem o Terreiro Lúdico (dedicado às crianças), a Universidade dos Povos, e a participação na construção da educação infantil, fundamental e superior das instituições formais vinculadas. Centros de formação profissional como o Milton Santos são construídos com a possibilidade tanto de regimes convencionais de ensino (diurno e noturno) quanto o modelo de alternância, onde estudantes experimentam períodos intensivos de estudo na escola intercalados com períodos de trabalho e aprendizado nas comunidades. Propõe-se a criação de uma instituição com diversos pólos de aprendizado, composta pela Escola das Florestas, Escola do Terreiro e do Tambor, Escola do Arco, da Flecha e do Maracá, e Escola das Águas.

Metodologias de projeto e disciplinas eletivas durante o percurso educativo são ferramentas pedagógicas fundamentais, permitindo a investigação guiada pelos interesses particulares de alunos e alunas, enriquecendo uma formação diversificada e democrática integrada aos saberes culturais e comunitários do território. Valorizando a diferença e o aprendizado inter-geracional, também almejamos eliminar as barreiras que segregam a Educação Infantil, Básica e Superior. Questionamos as estruturas hierárquicas estabelecidas, promovendo reflexões importantes para uma educação que reconheça o campo como um espaço dinâmico e diverso, cheio de atividades e riquezas singulares. Em suma, promovemos uma educação unificada, integrativa, colaborativa e fundada na vivência prática.

Ao longo dessa jornada, reconhecemos a importância das crianças como protagonistas na defesa do território, que devem aprender a cultivar uma relação profunda com a terra, ancestralidade, águas e florestas. Os "Terreiros" não são apenas espaços físicos, mas locais de troca, memória, construção cultural, celebração, encontro e aprendizado contínuo. O Terreiro Lúdico se estabelece como espaço autogestionado durante os eventos, para apoio às mães e responsáveis pelas crianças, e segue como iniciativas voluntárias nas escolas durante o período letivo normal.

A Universidade dos Povos, base da pedagogia da Teia dos Povos, ocorre nos eventos e encontros através de rodas de saberes e da troca de conhecimentos práticos. É orientada por princípios educativos que valorizam a diversidade de saberes e metodologias, promovem a integração e o intercâmbio de conhecimentos, incentivam a inovação coletiva nas práticas agroecológicas cotidianas e articulam os saberes fundamentais na luta por terra e território. É um processo contínuo de formação e autoformação coletiva que envolve mestres, mestras, assentadas, assentados, docentes, discentes, equipe de apoio e gestores, onde a educação popular é central e revela a democracia educacional enraizada na cultura dos povos.

A metodologia da Universidade dos Povos prioriza a transmissão dos conhecimentos ancestrais via mestres e mestras, para o aprendizado não só de técnicas ou conteúdos mas, sobretudo, do significado da terra como um lugar essencial de pertencimento e valores relacionados a essa premissa. Como observou Mariana Lima (2017) em sua pesquisa de mestrado em Terra Vista, mestres e mestras podem ser caracterizados por três pilares: primeiramente, são guardiãs da memória coletiva. Além disso, não apenas narram histórias sobre si e sobre a história de seu povo, como também guardam e transmitem conhecimentos sobre a natureza, a vida e princípios de cultivo agrícola que propiciam a fartura. Por fim, mestras e mestres desafiam o senso-comum e incentivam o pensamento crítico, convidando seus pares a engajarem-se com o mundo de forma reflexiva, coletiva e enraizada na terra.

O objetivo é estabelecer o território com todas as suas especificidades, riquezas e diversidade, reconhecendo as pessoas que há muito lutam e cultivam a terra, construindo uma cultura baseada em saberes ancestrais. Em outras palavras, construir uma educação que celebre a diversidade dos sujeitos, enraizada na história, cultura e causas sociais e humanas. As atividades são conduzidas por educadoras e educadores que compreendem profundamente as realidades das crianças indígenas, negras e populares, incorporando

uma interpretação crítica da realidade histórica para que as crianças possam ser protagonistas de seu presente e futuro.

2.2 Afetos da experiência

2.1.1 Pré-jornadas de agroecologia

Encontros da Teia dos Povos, como as jornadas e pré-jornadas de agroecologia, formam espaços de experimentação de ideias, onde as pessoas colocam em prática coletivamente os planos traçados. É um lugar de troca e formação sobre temas como agroecologia, formação política, questões ambientais; local de consolidação de alianças entre os territórios e também entre as pessoas: amizades são construídas, sonhos são compartilhados; há momentos de celebração, luta e mutirão para a melhoria dos territórios e para o aprendizado de todas as pessoas envolvidas.

É com base nessas dinâmicas que se propõe entender a Teia dos Povos ora como uma coalizão, ora como uma construção popular. As mudanças locais se conectam com as iniciativas regionais. As pré jornadas, além de servirem como plataforma para ações coletivas, muitas vezes inspiram iniciativas implementadas localmente.

Participamos de alguns destes eventos, às vezes como visitantes, outras também na organização. Em nossa ida ao território Baixa-Verde, dos dias 16 a 19 de Maio de 2024 em Eunápolis, nos unimos à pré-jornada de agroecologia participando de um mutirão de plantio e de uma rica programação de conversas, debates e apresentações culturais. O território ocupado pelo Movimento de Luta pela Terra - MLT em 2007 enfrenta ameaças de uma grande empresa de celulose de eucalipto que degradou ainda mais o entorno do Rio João Tiba, que sofre com exploração a mais de 30 anos dadas as explorações anteriores por monocultivo de eucalipto e também pela pecuária.

O MTL então, através de projetos e vontade, assumiu a tarefa de recomposição das matas ciliares do rio João Tibá. No processo, há grande envolvimento tanto da comunidade quanto da juventude do assentamento no plantio de mais de 20 mil mudas, nativas e frutíferas, em uma área de solo degradado, compactado e pobre. Os mutirões realizados na pré-jornada ampliaram o plantio destas mudas. Por mais que o solo esteja duro, na realização coletiva o plantio se torna mais divertido e eficiente. Essa experiência nos proporcionou conhecimentos sobre técnicas de plantio (por exemplo, balizamento), assim como sobre a terra, o território, o povo e o movimento social envolvidos – o processo de ocupação da terra, formas de resistência etc. –, e, ao mesmo tempo, sobre organização de eventos e a realização de mutirões e outras atividades.

Assim, essa e outras pré-jornadas de agroecologia serviram como um processo de formação para as pessoas presentes, momento de compreender as diversas realidades que acometem os territórios, escutar relatos. São espaços riquíssimos de extrema importância para o fomento da consolidação da Teia dos Povos e da união entre os territórios.

2.1.2 Bem-Virá

O Bem-Virá é um espaço da escola da prática localizado dentro do assentamento Terra Vista. Ali residem alguns estudantes do Milton Santos e outras pessoas que participaram do curso Formação de Construtores e Defensores de Território, da Teia dos Povos, e optaram por permanecer no território Terra Vista durante o tempo-comunidade, segundo a metodologia da educação do campo. Neste espaço, os e as jovens são protagonistas do próprio aprendizado e da construção deste território como seu. Entre as atividades da escola da prática estão o entendimento teórico e prático de saberes que permitam a construção das soberanias alimentar, hídrica, pedagógica e energética (Ferreira e Felício, 2021).

Soberania alimentar é a primeira prioridade (Ferreira e Felício, 2021), para que possamos depender cada vez menos de supermercados e alimentos ultraprocessados da indústria, que nos adoecem, através do cultivo de nossos próprios alimentos, da produção das nossas próprias sementes e medicinas da floresta. Neste caminho realizamos alguns plantios coletivos, entre eles o plantio do milho para as festas de São João, aproximadamente 90 dias antes, no dia de São José. A prática acrescentou um tempero cultural das festividades da região, envolvendo a comunidade toda no processo que resultou, ao final, no banquete de receitas tradicionais das festas juninas, muitas à base de milho. Além disso, conhecer a mata atlântica e a diversidade de plantas alimentícias que ali há (taioba, capeba, beldroega etc.) fortalece nossa nutrição e nossa autonomia.

No que se refere às medicinas da floresta, diante de eventuais problemas de saúde foi necessário aprender uns com os outros e com a comunidade local sobre plantas medicinais para feitiço de chás, tinturas, pomadas, banhos de ervas e demais usos, muitas vezes poupando uma ida ao posto de saúde (bastante precarizado) ou à farmácia para comprar medicamentos. Aprendemos, por exemplo, a tomar chá de folha de goiabeira contra enjoo, mascar folha de pitanga contra aftas e inflamações, aliviar alergias na pele aplicando folha de melão de São Caetano, e assim por diante. A troca acontece de forma espontânea e densa, multiplicando exponencialmente o conhecimento do coletivo. Há muitos remédios exímios, gratuitos e disponíveis, basta conhecer as plantas e o território

para saber onde as encontrar. Assim desenvolvemos maior vínculo uns com os outros e com o território, caminhando para a autonomia do cuidado.

Nossa busca por soberania hídrica tem como um dos objetivos reduzir os impactos do racismo ambiental do Estado que prioriza o abastecimento de água nas regiões onde moram os ricos em detrimento da periferia. Não é à toa que nas ocupações, sejam urbanas ou rurais, uma das estratégias para desmobilizar os ocupantes seja restringir o seu acesso à água. Para além da captação de água da chuva, também buscamos resgatar e preservar as fontes naturais de água dentro de cada território. Neste sentido, nós, aprendizes da escola da prática, revitalizamos uma das nascentes do Assentamento Terra Vista, utilizada no passado como fonte de água para o território e, com isso, também garantimos o abastecimento hídrico do local onde residimos.

Durante vários meses vivemos utilizando tomadas e energia elétrica de outras instalações do assentamento. Era necessário incluir nas nossas rotinas o carregamento da bateria dos celulares, muitas vezes utilizados como lanterna. A vivência dessa falta ampliou o entendimento prático da necessidade de caminhar para soberania energética, a fim de depender cada vez menos de estruturas de fora da comunidade para o abastecimento de energia. Além da prevista instalação da rede elétrica municipal, procuramos pensar soluções mais sustentáveis e autônomas, tais como painéis solares, além da primordial redução da demanda energética.

O caminho para soberania pedagógica, tema desse trabalho, é desenhado em conjunto com toda a comunidade do assentamento, ultrapassando os muros das escolas e encontrando em cada vivência com assentadas e assentados múltiplas oportunidades de aprendizado interdisciplinar dadas pela oralidade e pela prática dos conhecimentos. São mestres e mestras que acumularam, ao longo de suas próprias vivências com seus mestres e mestras, conhecimentos que compartilham com essa jovem comunidade no cotidiano da vida no campo, que só é possível por causa da metodologia da educação do campo.

2.1.3 Terreiro Lúdico - O campeonato de mudas

Como uma das práticas a caminho da soberania pedagógica e motivadas pela urgência do reflorestamento para frear o colapso climático, nós desenvolvemos coletivamente um campeonato de produção de mudas entre as crianças e adolescentes do assentamento. Os e as jovens foram incentivadas a produzir as mudas localmente, com recursos nativos, plantando sementes germinadas encontradas dentro do próprio assentamento além disso, incentivamos o grupo a pesquisar sobre cada planta aspectos como origem, raridade; se eram frutíferas ou não, entre outros.

Complementarmente, promovemos encontros com os agricultores Seu Loro e Seu Capixaba, anciões da comunidade que contaram um pouco sobre como foi chegar neste território que, antes, era praticamente um deserto, e reflorestá-lo ao ponto como as crianças o conhecem hoje. Para motivar os participantes a concluir a primeira fase do campeonato, decidimos recompensar os vencedores – quem plantasse mais mudas – com um dos prêmios que eles mesmos sugeriram: uma bola de futebol. Para a conclusão e entrega do prêmio, escolhemos o evento do Encontro de Pajés na Aldeia Caramuru Catarina Paraguaçu em Pau Brasil com o objetivo de também proporcionar aos jovens a experiência de estarem em outros territórios desde cedo.

Na ocasião, os e as jovens plantaram algumas das mudas que elas mesmas produziram, simbolizando a confluência entre os territórios e o compromisso de aliança entre povos. Como as contradições são intrínsecas, ao mesmo tempo em que consideramos um sucesso ter envolvido as crianças em uma ação ecológica de uma forma lúdica, um dos desafios da experiência tem sido o da continuidade. A natureza impõe seu tempo e, como educadoras voluntárias com outras demandas (trabalho, maternidade etc.), não conseguimos dar destino a todas as mudas produzidas a tempo, de modo que tivemos muitas perdas. Em todo caso, temos planejadas mais duas etapas para o campeonato, e esperamos encontrar o nas crianças o mesmo entusiasmo que demonstraram desde o início.

3 Considerações Finais

As experiências educativas da Teia dos Povos estão alinhadas com o intuito de promover a transição agroecológica, valorizando a terra e o território, fortalecendo a autonomia das comunidades e respeitando suas tradições ancestrais e espirituais. Nossas vivências diretas participando dessa rede nos colocam ora como educadoras, ora como educandos, e frequentemente como ambos, sinalizando diversos dos princípios visados: a troca horizontal de saberes, integração geracional e cultural, educação para além das autoridades e hierarquias convencionais e o processo de ensino e aprendizagem como um processo de construção coletiva.

Os desafios que se apresentam não são irrisórios: afrontas da prefeitura municipal ao funcionamento (e mesmo à continuidade) da escola fundamental; limitações de infraestrutura e equipamentos; mentes jovens intensamente influenciadas pela via capitalista do consumo e outros perigos da alienação; o envelhecimento de anciãos e anciãs e a dificuldade de sistematizar e perpetuar seus valiosos saberes, entre outros, além das

hostilidades e violências regularmente enfrentadas por comunidades tradicionais e assentamentos da reforma agrária.

Justamente por isso, sentimo-nos ainda mais inspiradas e determinados a intervir naquilo que podemos, para transformar a educação – que oferecemos e que nos é oferecida – e construir uma sociedade justa, rica em sua diversidade de povos, de fauna e flora, e de saberes.

Referências

FERREIRA, Joelson; FELÍCIO, Erahsto. **Por terra e território: caminhos da revolução dos povos no Brasil**. Teia dos Povos, 2021.

LIMA, Mariana Cruz de Almeida. **Pra aprender tem que botar sentido: diálogos sobre despossessão, terra e conhecimento com mestres do assentamento Terra Vista–BA**. 2018. Dissertação (Mestrado em Antropologia), Universidade de Brasília-UnB, Brasília, 2018.

PIMENTEL, Spensy Kmitta. **"Teia dos Povos: afetos-encantos afro-indígenas-populares numa coalizão cosmopolítica."** Tellus, 2021, p. 253-281.

PIMENTEL, Spensy Kmitta; MENEZES, Paulo Dimas Rocha de. **"A Teia dos Povos e a universidade: agroecologia, saberes tradicionais insurgentes e descolonização epistêmica."** Ambiente & Sociedade, v. 25, 2022, e00941.

PIMENTEL, Spensy K. **"Teia dos Povos: estratégias cosmopolíticas agroecológicas na formação de uma rede de autonomias no sul da Bahia."** Revista de Antropologia, v. 66, 2023, e204551.